

UNIVERSIDAD DE EXTREMADURA

Departamento de Psicología y Antropología



TESIS DOCTORAL

**ESTEREOTIPOS SOBRE LAS PERSONAS
MAYORES EN ESTUDIANTES DE ENSEÑANZA
SUPERIOR, EN EL DISTRITO DE BRAGANZA**

**(ESTEREÓTIPOS ACERCA DAS PESSOAS IDOSAS
EM ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR,
NO DISTRITO DE BRAGANÇA)**

Carlos Pires Magalhães

BADAJOS, 2008

UNIVERSIDAD DE EXTREMADURA

Departamento de Psicología y Antropología



ESTEREOTIPOS SOBRE LAS PERSONAS MAYORES EN ESTUDIANTES DE ENSEÑANZA SUPERIOR, EN EL DISTRITO DE BRAGANZA

Trabalho de investigação realizado no âmbito do Doutoramento em "*Gerontologia Social*" da Universidade de Extremadura pelo Doutorando Carlos Pires Magalhães, sob a orientação do Professor Doutor Florencio Vicente Castro e da Professora Doutora María Isabel Fajardo Caldera (Universidade de Extremadura), e da Professora Doutora Constança Paúl (Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto).

BADAJOS, 2008

AGRADECIMENTOS E DEDICAÇÃO

Gostaria de expressar o meu profundo agradecimento a todas as pessoas que, de alguma forma contribuíram para o resultado deste trabalho, entre as quais, e em especial:

- Ao Professor Doutor Florencio Vicente Castro e à Professora Doutora María Isabel Fajardo Caldera (Universidad de Extremadura), à Professora Doutora Constança Paúl (Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto), pelas observações atentas e oportunas, pela partilha dos seus vastos conhecimentos científicos.

- Ao Professor Doutor Feliciano Villar (Universidad de Barcelona) pelos imensos artigos que me disponibilizou, pela autorização que me concedeu para a utilização dos seus questionários, bem como pela constante prontidão com que me esclareceu acerca de alguns dos pormenores dos seus estudos de investigação.

- Ao Professor Doutor Erdman Palmore (Duke University) pelo material que me sugeriu que consultasse no âmbito da investigação, bem como pela autorização que me concedeu para a utilização dos seus questionários (Aging Quiz).

- Aos colegas da Escola Superior de Saúde de Bragança, pela partilha de saberes.

- Aos docentes do Instituto Politécnico de Bragança, que permitiram a aplicação dos questionários nos respectivos cursos que leccionam.

- Aos alunos que colaboraram no preenchimento dos questionários.

- À minha querida esposa, Teresa Paradinha, pelo seu estímulo constante e colaboração, sem a qual nunca seria possível a concretização deste trabalho.

Dedico este trabalho à minha pequena filha, Catarina Paradinha Magalhães, pelas imensas horas que deixei de lhe dar a devida atenção e afectos, e espero que este possa contribuir para o seu crescimento numa sociedade que cada vez mais, defenda e releve os imensos contributos das pessoas idosas, rejeite e elimine o idadismo.

ABREVIATURAS E SIGLAS

- a.C – Antes de Cristo
- ANOVA – Análise de Variância
- Env. biol. – Envelhecimento biológico
- EUA – Estados Unidos da América
- FAQ – Facts on Aging Quiz
- INE – Instituto Nacional de Estatística
- IPB – Instituto Politécnico de Bragança
- ISLA – Instituto Superior de Línguas e Administração
- KMO – Kaiser-Meyer-Olkin
- ONG'S – Organizações Não Governamentais
- N.º, n.º – Número
- TV – Televisão
- UTAD – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

RESUMO

O presente estudo procurou investigar a existência de estereótipos acerca das pessoas idosas em estudantes do ensino superior, no distrito de Bragança. Para a sua concepção recorreu-se a metodologias quantitativas. Nesse sentido construiu-se um instrumento de colheita de dados, com base na vasta bibliografia e nos estudos já realizados neste âmbito. A amostra submetida a tratamento estatístico foi de 376 indivíduos. O instrumento revelou uma boa consistência interna. A análise descritiva e exploratória dos estereótipos evidencia, para o contexto espaciotemporal estudado, que uma elevada percentagem da amostra concorda com a totalidade dos estereótipos de orientação positiva e discorda da maioria dos estereótipos de orientação negativa. Estes resultados vão ao encontro dos objectivos preconizados pelo Plano de Acção Internacional apresentado em 2002 na II Assembleia Mundial para o Envelhecimento, e estão em consonância com o estudo de Rodriguez e Postigo (2004) e com Royo et al. (2006), que salientam a tendência actual para uma imagem mais positiva acerca da velhice. Apesar do predomínio da discordância, alguns dos estereótipos persistem, estes incluem-se na estereotipia de dependência e na estereotipia da decadência da imagem física. Com base no posicionamento das respostas da amostra aos 40 estereótipos, destacam-se 3 grupos de sujeitos correspondentes a distintos perfis de resposta. Das várias hipóteses traçadas em função das distintas variáveis independentes para a escala de estereótipos, constatou-se que «o sexo», «a idade», e «o residir ou não com idosos no local de proveniência», foram as que mais diferenças estatisticamente significativas apresentaram. Quanto aos coeficientes de envelhecimento percebido pela amostra para os distintos atributos, é visível a percepção de um declive descendente ao longo das décadas (50-90) para a maioria dos atributos das distintas dimensões (biopsicossociais), que seguem unicamente a perspectiva de unidireccionalidade própria do envelhecimento biológico. O cálculo das médias de envelhecimento percebido em função das variáveis independentes revelou pequeníssimas diferenças. Quanto à última hipótese, um coeficiente de envelhecimento percebido mais negativo nos atributos «dependência», «felicidade» e «solidão», para o grupo 50/70, e nos atributos «solidão», «saúde física» e «felicidade», para o grupo 70/90, corresponderá a pontuações mais elevadas na 2.^a dimensão obtida da análise factorial da escala de estereótipos (dimensão esta que mereceu maior concordância por parte da amostra, denominada dependência afectiva e atencional), mas a capacidade explicativa destes atributos é muito reduzida.

RESUMEN

El presente estudio ha pretendido investigar la existencia de estereotipos en relación a las personas mayores en estudiantes de la enseñanza superior, en el distrito de Braganza. Para su concepción hemos recurrido a metodologías cuantitativas. En ese sentido se ha creado un instrumento de recogida de datos, basado en la amplia bibliografía existente y en los estudios previamente realizados en este ámbito. La muestra sometida a tratamiento estadístico estaba compuesta por 376 individuos. El instrumento ha revelado una buena consistencia interna. El análisis descriptivo y explorador de los estereotipos evidencia, para el contexto espacio-temporal estudiado, que un alto porcentaje de la muestra está de acuerdo con la totalidad de los estereotipos de orientación positiva mientras que discrepa de la mayoría de los estereotipos de orientación negativa. Estos resultados coinciden con los objetivos abanderados por el Plan de Acción Internacional presentado en 2002 en la II Asamblea Mundial para el Envejecimiento, y están en consonancia con el estudio de Rodríguez y Postigo (2004) y con Royo et al. (2006) que nos resaltan la tendencia actual para una imagen más positiva acerca de la vejez. A pesar del predominio de la discrepancia, algunos de los estereotipos persisten, a saber, los que se incluyen en la estereotipia de dependencia y en la estereotipia de la decadencia de la imagen física. Basándonos en la postura tomada en las respuestas de la muestra a los 40 estereotipos, se destacan 3 grupos de sujetos correspondientes a distintos perfiles de respuesta. De las varias hipótesis planteadas en función de las distintas variables independientes para la escala de estereotipos, hemos constatado que «el sexo», «la edad», y «el hecho de vivir o no con personas mayores en el lugar de procedencia», han sido las que más diferencias estadísticamente significativas han aportado. En cuanto a los coeficientes de envejecimiento percibido por la muestra para los distintos atributos, es significativa la percepción de un declive descendente a lo largo de las décadas (50-90) para la mayoría de los atributos de las distintas dimensiones (biopsicosociales), que siguen únicamente la perspectiva de unidireccionalidad propia del envejecimiento biológico. El cálculo de las medias de envejecimiento percibido en función de las variables independientes ha revelado pequeñísimas diferencias. Respecto a la última hipótesis, a un coeficiente de envejecimiento percibido más negativo en los atributos «dependencia», «felicidad» y «soledad», para el grupo 50/70, y en los atributos «soledad», «salud física» y «felicidad», para el grupo 70/90, corresponderán puntuaciones más elevadas en la 2.^a dimensión obtenida del análisis factorial de la escala de estereotipos (dimensión esta que ha supuesto una mayor concordancia por parte de la muestra, denominada de dependencia afectiva y de atención), pero la capacidad explicativa de estos atributos es muy reducida.

ABSTRACT

This study has tried to investigate the existence of stereotypes on elderly people, among the higher education students, in the district of Bragança. For its planning, quantitative methodologies were used. Thus, an instrument for the recollection of data was built, based on the vast existing bibliography and studies already carried out on this matter. The sample submitted to statistic treatment was composed of 376 individuals. The instrument has shown a good internal consistency. The descriptive and exploratory analysis of the stereotypes shows, for the studied space-time context, that a high percentage of the sample agrees with the totality of the stereotypes of positive orientation and disagrees with the majority of the stereotypes of negative orientation. These results follow the objectives established in the International Plan of Action presented in 2002 in the 2nd World Assembly on Ageing and confirm the study by Rodriguez and Postigo (2004) and by Royo et al. (2006) that stress the present-day tendency towards a more positive image on old age. Although discordance is predominant, some of the stereotypes prevail, included in the stereotypy of dependence and in the stereotypy of the decadence of the physical image. According to the positioning of the answers of the sample to the 40 stereotypes, three groups of individuals corresponding to distinct answer profiles stand out. Among the several hypothesis designed in consequence of the different independent variables for the scale of stereotypes, it was verified that «gender», «age», and «residing (or not) with elderly people», were the ones that have shown more statistically significant differences. As for the aging coefficient shown by the sample for the different attributes, it is visible the perception of a descending line along the decades (50-90) for the majority of the attributes of the different dimensions (bio-psycho-social) that follow exclusively the unidirectional perspective of the biological aging. The calculus of the aging average resulting from independent variables has shown very small differences. Concerning the last hypothesis, to a more negative aging coefficient in the attributes of «dependency», «happiness» and «loneliness» for the group 50/70 and in the attributes of «loneliness», «physic health» and «happiness» for the group 70/90, it will correspond higher marks in the 2nd dimension got from the factorial analysis of the scale of stereotypes (this dimension – named affective and attentional dependence, has shown a bigger accordance by the sample), though the explicative capacity by these attributes is very low.

RÉSUMÉ

La présente étude cherche à analyser l'existence des stéréotypes à l'égard des personnes âgées chez des étudiants de l'enseignement supérieur, dans le district de Bragança. Dans sa conception, on a eu recours à des méthodes quantitatives, ayant donc construit un instrument de recherche de données, basé sur la vaste bibliographie et sur les études déjà existantes dans ce domaine. L'échantillon soumis à un traitement statistique fut de 376 individus. L'instrument s'avéra être internement consistant. L'analyse descriptive et exploratoire des stéréotypes met en évidence, pour le contexte spatio-temporel étudié, qu'un pourcentage assez significatif de l'échantillon est d'accord avec la totalité des stéréotypes à tendance positive et s'écarte de la plupart des stéréotypes négatifs. Ces résultats suivent les objectifs prônés par le Plan d'Action Internationale présenté en 2002 à la II Assemblée Mondiale pour le Vieillissement et sont conformes aux études de Rodriguez et Postigo (2004) et de Royo et al. (2006), qui mettent en relief la tendance actuelle pour une image plus positive à l'égard de la vieillesse. Malgré la prédominance du désaccord, quelques stéréotypes persistent dans le domaine de la stéréotypie de la dépendance et de la décadence de l'image physique. Ayant comme base la position des réponses de l'échantillon aux 40 stéréotypes, on peut relever 3 groupes de sujets correspondants à des profils diversifiés. À partir des hypothèses établies en fonction des diverses variables indépendantes pour l'échelle des stéréotypes, on constate que «le sexe», «l'âge», et «le fait d'habiter (ou pas) avec des personnes âgées», sont celles qui présentent le plus grand nombre de différences statistiquement significatives. Par rapport aux coefficients du vieillissement perçu par l'ensemble de cet échantillon pour les différents attributs, est appréciable la perception d'un déclin au cours des décennies (50-90) pour la majorité des attributs des différentes dimensions (biopsychosociales), qui ne font que suivre la perspective unidirectionnelle du vieillissement biologique. Le calcul des moyennes du vieillissement perçu en fonction des variables indépendantes révèle de très petites différences. Quant à la dernière hypothèse, un coefficient de vieillissement perçu plus négatif dans les attributs «dépendance», «bonheur» et «solitude», pour le groupe des 50-90, et dans les attributs «solitude», «santé physique» et «bonheur», pour le groupe des 70-90, correspond à des ponctuations plus élevées dans la 2^{ème} dimension obtenue à partir de l'analyse factorielle de l'échelle de stéréotypes (dimension qui reçoit un accord plus élevé de la part de cet échantillon, nommée comme dépendance affective et d'attention), mais la capacité explicative de ces attributs est très réduite.

RESUMEN EN CASTELLANO

Contextualización del problema y objetivos de estudio

Los últimos Censos efectuados en 2001 en la población portuguesa (INE, 2002a) destacan el envejecimiento demográfico, revelando la existencia de un mayor número de personas de edad igual o superior a los 65 años, en comparación con el grupo poblacional más joven (0-15 años). Las Proyecciones del INE (2005) relativas a la Población Residente en Portugal, para el período comprendido entre los años 2000-2050, apuntan hacia un envejecimiento continuo de la población, consecuencia del previsible aumento de la esperanza de vida, así como del mantenimiento de los niveles de fecundidad por debajo del umbral de sustitución de las generaciones, lo que implica que un número cada vez mayor de personas consigue llegar a edades más avanzadas. Poder alcanzar la última etapa de la vida (vejez) es una aspiración de mucha gente, sin embargo ese deseo a veces parece contrastar con un sentimiento de temor. Desde hace mucho tiempo existen relatos históricos acerca de la imagen del envejecimiento, de la vejez y de las personas mayores, relatos estos cuya imagen no siempre ha coincidido con una visión positiva, incluso cuando se refieren a los primordios bíblicos, pues como nos señala Minois (1987/1999), podemos constatar que a lo largo de la historia la imagen de la tercera edad depende del contexto cultural general donde la misma se insiere. A pesar de que desde que Lipmann (1922) introdujo el término estereotipo hasta nuestros días, todavía no ha transcurrido ni un siglo, distintas perspectivas teóricas sobre su génesis/formación han aparecido ya (perspectiva cognitiva, perspectiva psicodinámica, perspectiva sociocultural). Para Allport (1954), los estereotipos son creencias exageradas que ayudan a las personas a simplificar sus categorizaciones, que pueden poseer o no un fondo de verdad, y que son reforzados por los medios de comunicación de masas que continuamente los reviven e insisten en ellos. Sus funciones pueden ser individuales o sociales. Los estudios científicos que han tratado el tema de los estereotipos en relación a las personas mayores, realizados sobre todo desde finales de la primera mitad del siglo XX, debidos fundamentalmente al impulso creciente de la presión social y demográfica, han revelado mayoritariamente que durante varias décadas ha habido un predominio injustificado de la imagen negativa del envejecimiento y de las personas de la tercera edad, tendencia destacada y combatida por varios autores

(Lehr, 1977/1980; Palmore, 1988; Moragas, 1995; Belsky, 1999/2001; Motte y Tortosa, 2002; entre otros muchos), pues dichos estereotipos no son sino falsas concepciones que pueden traducirse en barreras a la funcionalidad de las personas mayores, dado que influyen negativamente el status social del hecho de ser mayor. Por otro lado estos estereotipos pueden desembocar en el edadismo, término introducido por Butler (1969) que se refiere a la discriminación sistemática hacia las personas en virtud de la edad que tienen. La expresión de la preocupación y del combate hacia estas erróneas generalizaciones se hizo más visible a partir de la II Asamblea Mundial para el Envejecimiento (Naciones Unidas), que tuvo lugar en Abril de 2002, y de la cual surgió un Plan de Acción Internacional (Naciones Unidas, 2002) cuyo objetivo es el de promover una imagen positiva del envejecimiento, así como el de promover un mayor reconocimiento público de la autoridad, la sabiduría, de la productividad y otras contribuciones importantes de las personas mayores. En nuestra sociedad frecuentemente nos deparamos con exteriorizaciones de una cultura anti envejecimiento, reforzada por los medios de comunicación, cultura en la cual se incluye la población estudiantil, cuyas percepciones acerca de la vejez parecen seguir un modelo característico atribuido al envejecimiento biológico (declive y muerte), atribución portadora, por si misma, de una connotación negativa. Así, nos preguntamos si efectivamente los estereotipos de orientación negativa en relación a las personas mayores predominan o no en la población estudiantil de enseñanza superior existente en el distrito de Braganza, y es ésta la cuestión central de nuestro estudio (cuestión de investigación), pues como nos señala Ribeiro (1999, p.16) “Una investigación empieza con una gran cuestión”.

Son objetivos de este estudio:

- Identificar los estereotipos en relación a las personas mayores existentes en alumnos de enseñanza superior que estudian en el distrito de Braganza, en función del sexo, de la edad, en función de haber realizado o no prácticas con pacientes mayores durante la carrera, en función de la localidad de la cual provienen (medio rural o medio urbano) y en función del hecho de vivir o no con personas mayores;
- Identificar el coeficiente de envejecimiento percibido para los distintos atributos que ocurren a partir de la quinta década de vida, por alumnos de enseñanza superior que estudian en el distrito de Braganza, en función del sexo, de la edad, en función de haber

realizado o no prácticas con pacientes mayores durante la carrera, en función de la localidad de la cual provienen (medio rural o medio urbano) y en función del hecho de vivir o no con personas mayores;

- Explorar la relación entre las dimensiones que abarcan los estereotipos de orientación negativa acerca de las personas mayores con el coeficiente de envejecimiento percibido para los distintos atributos, que tienen lugar a partir de la quinta década de vida, por los alumnos de enseñanza superior que estudian en el distrito de Braganza.

Metodología

Tipo de Investigación

Para poder alcanzar los objetivos previamente delineados, hemos optado por un estudio observacional analítico-transversal, ya que, de acuerdo con la caracterización descrita por Aday, (1996): lo observacional consiste en la descripción de los acontecimientos que ocurren de forma natural, sin cualquier intervención directa sobre éstos; lo analítico se refiere al examen de las relaciones estadísticas existentes entre las variables, sin que haya, no obstante, establecimiento de causalidad; y lo transversal respecta a un único período de tiempo de recogida de datos.

Variables de Investigación

Las variables dependientes de nuestro estudio corresponderán a los estereotipos en relación a las personas mayores. En cuanto a las variables independientes, en este estudio serán: el sexo (femenino o masculino), la edad, el tipo de carrera universitaria y el curso de la misma en que se está (permite identificar si se han hecho prácticas o no con pacientes mayores), la localidad de donde se proviene (medio rural o medio urbano), y el hecho de vivir o no con personas mayores. En este estudio observacional procederemos a relacionar las variables dependientes e independientes sin identificar la causalidad.

Hipótesis de Investigación

En un estudio de investigación, los resultados obtenidos pueden confirmar o infirmar (rechazar) la hipótesis. Teniendo como base la revisión de la literatura, así como los objetivos del presente estudio, formulamos las siguientes hipótesis:

H1: Hay diferencias estadísticamente significativas entre el sexo y la existencia de estereotipos en relación a las personas mayores.

H2: Hay relación entre la edad y el hecho de estar de acuerdo con los estereotipos en relación a las personas mayores.

H3: Hay diferencias significativas entre los estudiantes que han hecho prácticas o no con pacientes mayores y la existencia de estereotipos en relación a las personas mayores.

H4: Hay diferencias significativas entre el lugar de procedencia y la existencia de estereotipos en relación a las personas mayores.

H5: Hay diferencias significativas entre el hecho de vivir o no con personas mayores en el lugar de procedencia y la existencia de estereotipos en relación a las personas mayores.

H6: Hay diferencias significativas entre los coeficientes de envejecimiento percibido en relación a los distintos atributos, obtenidos en función de las variables independientes (sexo, edad, haber hecho o no prácticas con personas mayores, lugar de procedencia, el vivir o no con personas mayores).

H7: Los estudiantes con un coeficiente de envejecimiento percibido más negativo en lo referente a los distintos atributos que ocurren a partir de la quinta década de vida poseen puntuaciones más elevadas en las dimensiones resultantes del agrupamiento de estereotipos de orientación negativa.

Muestreo

En este estudio nuestra población meta se corresponde con los estudiantes inscritos en el curso lectivo 2005/2006 en la enseñanza superior en las facultades-escuelas del distrito de Braganza. En Enero de 2006, nuestra población estaba constituida por 7649 alumnos, distribuidos en cinco instituciones de enseñanza superior del distrito, con un claro predominio de estudiantes del sexo femenino (4878 alumnos – que correspondían a cerca del 63,8% de la totalidad de la población). El muestreo es el proceso que permite definir la muestra (Almeida y Freire, 2003). La orientación de este proceso se puede efectuar a través de métodos probabilísticos (muestreo causal, según el cual cada elemento de la población posee la misma probabilidad de ser seleccionado para formar la muestra) o no probabilísticos (muestreo no-causal, que significa que cada elemento de la población no posee la misma probabilidad de ser seleccionado para formar la muestra). Hill y Hill (2005) señalan que de los varios métodos de muestreo no-causal uno de los más comunes

es el muestreo por conveniencia, a través del cual los sujetos elegidos son los que están más disponibles, y destacan como ventajas del mismo: la rapidez, el menor coste y la facilidad. En este estudio hemos optado por el muestreo no-causal, por conveniencia, puesto que hemos seleccionado tres de las cinco instituciones de enseñanza superior del distrito de Braganza para la aplicación del instrumento de recogida de datos. Las facultades-escuelas y las respectivas carreras elegidas han sido:

- IPB – Carrera-Licenciatura en Enfermería de la Escuela Superior de Salud; Carrera-Licenciatura en Educación Infantil de la Escuela Superior de Educación; Carrera-Licenciatura en Ingeniería Biotecnológica de la Escuela Superior Agraria; Carrera-Licenciatura en Ingeniería Civil de la Escuela Superior de Tecnología y de Gestión.

- ISLA – Carrera-Licenciatura en Psicología.

- UTAD – Carrera-Licenciatura en Trabajo Social del Polo de Miranda del Duero.

Hay que señalar que los estudiantes que rellenaron incorrectamente el cuestionario fueron excluidos de la muestra sometida a tratamiento estadístico.

Teniendo en cuenta el cálculo estimativo formulado por Krejcie y Morgan (1970), la representatividad de nuestra muestra se cumple ya que está constituida por 375 individuos para una población de 7649 individuos.

Instrumento de Recogida de Datos

Con el intuito de alcanzar los objetivos que nos habíamos propuesto, para la recogida de datos hemos optado por crear un cuestionario (Ver anexo I), cuyo constructo está basado en la vasta bibliografía existente relativamente a la temática en cuestión, así como en los estudios de investigación previamente efectuados en este mismo ámbito, entre los que destacamos fundamentalmente: Palmore (1988,1998); Fernández-Ballesteros et al. (1992); Villar (1995); Magalhães (2003), Rodríguez y Postigo (2004). El cuestionario que hemos construido se divide en tres partes, que se caracterizan de la siguiente forma:

- La primera parte está constituida por cuestiones que se destinan a la recogida de datos que buscan la caracterización de la muestra (sexo; edad; carrera y respectivo curso en que se está – permite conocer a través de sus planes de estudio, y también a través de los respectivos coordinadores qué estudiantes han realizado ya prácticas con pacientes

mayores; localidad de donde se proviene - medio rural o medio urbano; si vive o no con personas mayores en el lugar de procedencia). Es conveniente resaltar que estas cuestiones además de caracterizar nuestra muestra conforman también las variables independientes de nuestro estudio.

- La segunda parte del cuestionario pretende recoger datos sobre los estereotipos en relación a las personas mayores, para tal fin hemos construido una escala de formato tipo Likert, con cuatro posibilidades de respuesta (discrepo bastante; discrepo; estoy de acuerdo; estoy bastante de acuerdo) que los encuestados deben atribuir a 40 ítems, cumpliendo así un presupuesto recomendado por Ribeiro (1999) que señala que lo ideal es que una escala tenga por lo menos 20 ítems. Para la construcción de los ítems nos hemos basado en estereotipos referenciados en la amplia bibliografía (Rosa, 1987; Berger y Mailloux-Poireier, 1995; Belsky, 1999/2001; Fonseca, 2004, entre otros muchos), nos hemos basado asimismo en el cuestionario elaborado por Erdman Palmore, denominado “*Aging Quiz I*” (Palmore, 1988, 1998), el cuestionario “*estereotipos en relación a la vejez*” elaborado por Izal y Montório (1991), y el cuestionario utilizado por Rodríguez y Postigo (2004), en el que se añadieron 10 ítems más al cuestionario anterior.

- La tercera parte pretende obtener la percepción gráfica que los estudiantes poseen acerca del padrón de desarrollo humano de determinadas características (salud física, salud mental, fuerza física, capacidad de movimiento, capacidad auditiva, felicidad, prestigio social, productividad, agilidad física, poder, recursos económicos, esperanza, visión, inteligencia, memoria, sabiduría, belleza, experiencia, dependencia y soledad) que se dan en las personas a partir de los 50 años. Para tal efecto hemos utilizado como base el modelo construido por Villar (1995), en el cual hemos introducido varias alteraciones, a saber, la escala gráfica en vez de estar dividida en cuatro etapas, ha pasado a estar dividida en cinco décadas a partir de los 50 años, pues la percepción que pretendemos obtener hace referencia a esa franja de edad. Se han mantenido la mayor parte de los atributos (capacidad de movimiento, fuerza física, belleza, poder, productividad, prestigio social = estatuto social, recursos económicos, felicidad, memoria, inteligencia, dependencia, sabiduría), subdividiendo algunos de ellos (salud en salud física y mental), extinguiendo otros (agudeza sensorial, ilusión) y añadiendo nuevos atributos (capacidad auditiva, agilidad física, visión, experiencia, soledad, esperanza). En las instrucciones de cumplimentación consta la llamada de atención hacia el hecho de que las dos últimas

características (dependencia y soledad) son de carácter negativo, lo que significa que los valores máximos corresponden respectivamente al máximo de la dependencia y la soledad. Las respuestas gráficas relativas a estos dos últimos atributos son nuestras cuestiones de control del “automatismo de respuesta”. Para el estudio matemático de la percepción gráfica obtenida, calcularemos el coeficiente de envejecimiento percibido, tal como lo hizo Villar (1995).

Una vez definido y convertido en operacional el constructo a evaluar, tal y como preconizan Almeida y Freire (2003), esto es, a través del “contacto con otras escalas, el manejo de la bibliografía de esta área, el contacto con los especialistas en los dominios a evaluar, ...” (p. 113), y una vez definido el número de ítems que forman parte del cuestionario para que se pueda cumplir un equilibrio de validez (representatividad) y consistencia, procederemos a su análisis cualitativo que puede ser efectuado a través del método de “reflexión hablada”. Así, se solicitó previamente a cinco estudiantes de distintas carreras que rellenasen individualmente el cuestionario, y a medida que lo hacían que fuesen comentando en voz alta sus impresiones relativamente a cada ítem, a la forma como lo abordaron, a las facilidades/dificultades de comprensión y cumplimentación. Relativamente al cuestionario, hubo dos alumnos que nos comunicaron que no entendían lo que significaba la palabra “senil” que aparecía en el ítem 18 de la segunda parte del cuestionario, motivo que nos condujo a incluir la explicación de dicho vocablo en ese ítem. Hubo otro alumno que nos cuestionó relativamente al motivo por el que no había una respuesta intermedia (tipo: ni discrepo/ni estoy de acuerdo) entre las opciones de la escala de Likert de la segunda parte del cuestionario (percepciones en relación a las personas mayores), a lo que contestamos que esta ausencia se debía a una opción metodológica, que perseguía el que los encuestados no eligiesen mayoritariamente de forma automática la respuesta intermedia, conocida como error de tendencia central, tal como señalan Almeida y Freire (2001); este procedimiento fue secundado también por Rodríguez y Postigo (2004) en su estudio acerca de la percepción de la vejez y del envejecimiento por parte de jóvenes universitarios. El cuestionario construido fue presentado además a dos especialistas en el área, que apreciaron cualitativamente los ítems. Dichas especialistas no manifestaron ningún tipo de duda y destacaron el interés del instrumento, atendiendo a los objetivos que pretendíamos alcanzar con el mismo.

Procedimientos

Efectuadas las pertinentes alteraciones relacionadas con las dudas que afloraron en la prueba de “reflexión hablada”, se solicitó a los presidentes de las instituciones de enseñanza superior que habían sido seleccionadas para la muestra, la respectiva autorización para la aplicación de la nueva versión del cuestionario. Tras ser concedida dicha autorización (Ver anexo II), procedimos a la planificación de los días y correspondientes horas con los docentes coordinadores (o sustitutos) de las carreras previamente seleccionadas, con la finalidad de acordar con ellos la utilización de 20 minutos del tiempo lectivo de clase para la aplicación de los cuestionarios, apelando para tal fin a la colaboración de los varios docentes que impartían clase tales días y a dichas horas. Algunos profesores se mostraron totalmente disponibles para aplicar ellos mismos los cuestionarios a los alumnos, lo que terminó ocurriendo en determinados casos, esto después de que hubiesen recibido previamente las debidas explicaciones relativamente a los objetivos del estudio, los objetivos del instrumento y los procedimientos instructivos necesarios para su aplicación. La aplicación de los cuestionarios tuvo lugar en el curso lectivo 2005/2006, más precisamente entre noviembre de 2005 y enero de 2006. Una vez recogidos los cuestionarios, algunos fueron rechazados por cumplimentación incorrecta, es decir, unos se inutilizaron porque les faltaban ítems por cumplimentar, otros porque contenían más de una respuesta en algunos ítems y otros porque contestaron de forma automática a las cuestiones de control.

Obtenidos los cuestionarios se procedió a la construcción de la base de datos, para lo cual se utilizó el programa informático SPSS 13.0. Se introdujeron 375 cuestionarios, siendo ésta la muestra utilizada para tratamiento estadístico. Inicialmente, para la caracterización de la muestra recurrimos a la estadística descriptiva, efectuando el cálculo de frecuencias absolutas (n) y relativas (%) y el cálculo de medidas de tendencia central y medidas de dispersión en relación a las variables cuantitativas. Para dar respuesta al primer objetivo de estudio recurrimos a la estadística descriptiva para abordar las respuestas obtenidas en la segunda parte del cuestionario y a la estadística analítica para verificar las 1^a, 2^a, 3^a, 4^a y 5^a hipótesis, habiendo sido esta verificación efectuada de la siguiente forma:

- para probar las hipótesis 1,3,4,5 recurrimos al test exacto de Fisher, con el que pretendíamos analizar la relación o asociación entre estas dos variables cualitativas

dicotómicas, utilizando como criterio de significancia $P \leq 0,05$, pues este test no presenta restricciones en tablas como 2/2, tal como refieren Pestana y Gagueiro (2000);

- para probar la hipótesis 2, recurrimos al coeficiente de correlación de Spearman (test no paramétrico), ya que las respuestas dadas a los 40 ítems presentan una distribución asimétrica.

Teniendo en cuenta el abordaje estadístico del segundo objetivo de este estudio, además de identificar a través de la estadística descriptiva, la media del coeficiente de envejecimiento percibido para los distintos atributos que tienen lugar a partir de la quinta década de vida (definiendo a priori dos grupos etarios: 50-70/70-90) en función de las variables independientes, verificamos también si existían diferencias estadísticamente significativas entre los valores obtenidos (hipótesis 6). Al principio verificamos las premisas inherentes a la aplicación de los tests de hipótesis, en ese sentido nos servimos del test de *Kolmogorov-Smirnov* para verificar la normalidad de las variables. Cuando el nivel de significancia sea inferior a 0,05 (5%) hay que descartar la hipótesis de que la distribución de las variables sea normal (Pestana y Gageiro, 2000). Dado que las variables en estudio no siguen una distribución normal, aplicamos el test no paramétrico *Mann-Whitney U* para las variables sexo, haber hecho o no prácticas con personas mayores, lugar de procedencia y vivir o no con personas mayores. Este test nos permite comparar el centro de localización de las dos muestras buscando detectar diferencias entre los dos grupos (Pestana y Gagueiro, 2000). Para explorar la relación en función de la variable independiente edad, hemos aplicado el coeficiente de correlación de Spearman, visto que las variables tampoco siguen una distribución normal.

El abordaje estadístico del tercer objetivo implica la verificación de la hipótesis 7. Inicialmente para poder caracterizar la estructura de los estereotipos (40 ítems de la segunda parte del cuestionario), recurrimos a un análisis factorial explorador (análisis factorial de componentes principales). En las distintas factorizaciones (con rotación varimax), se eliminaron los ítems con baja saturación factorial ($< 0,40$). Para cada factor extraído, se calculó el alfa de Cronbach, con la finalidad de analizar la consistencia interna. Encontrados los factores e identificadas las dimensiones, relacionamos posteriormente cada una de ellas con los coeficientes de envejecimiento percibido de los 20 atributos,

recurriendo para ello a un análisis de regresión múltiple por el método Stepwise, pues esta técnica permite verificar cuáles son los atributos que están relacionados con cada factor e identificar de qué forma se produce dicha relación.

Presentación, análisis y discusión de los resultados

Caracterización de la muestra

Relativamente a la muestra obtenida, tal como podemos observar en la tabla I, la misma es mayoritariamente femenina, pues está constituida por 302 individuos del sexo femenino (lo que supone el 80,5% de la muestra) y 73 del sexo masculino (lo que supone el 19,5% de la muestra), predominio que también se verificaba en términos de población.

Tabla I – Distribución de la muestra según el sexo

	N	%
Femenino	302	80,5%
Masculino	73	19,5%
Total	375	100

En la muestra obtenida, respecto a la edad de los individuos, como se constata en la tabla II, la edad mínima es de 17 años, la máxima de 45 años, por lo que se verifica una amplitud de 28 años y una media de edad ligeramente superior a los 21 años (21,31). El desvío padrón se sitúa cerca de los 3 años (2,994). Hay que añadir que nuestra muestra es manifiestamente joven, pues 346 individuos tienen menos de 25 años (lo que corresponde a cerca de 92,27% del total).

Tabla II – Estadísticas descriptivas de la variable edad

	N	Mínimo	Máximo	Amplitud	Media	Desvío Padrón
Edad del alumno	375	17	45	28	21,31	2,994

En cuanto a la carrera que estudian, podemos verificar en nuestra muestra, por orden decreciente que: 118 son estudiantes de Enfermería, 70 son estudiantes de Educación Infantil, 62 son estudiantes de Ingeniería Biotecnológica, 57 son estudiantes de Trabajo Social, 47 son estudiantes de Ingeniería Civil y 21 son estudiantes de Psicología. Respecto

a la media de edades por carrera, relativamente a nuestra muestra, verificamos además por medio de la tabla III que la Carrera-Licenciatura en Psicología es la que presenta la mayor media de edades (24 años), mientras que la Carrera-Licenciatura en Enfermería es la que presenta la menor media de edades. En lo referente a la mayor amplitud entre edades por carrera, la misma se verifica en la Carrera-Licenciatura en Trabajo Social (28 años).

Tabla III – Estadísticas descriptivas de la variable edad, por carrera

Carrera que cursa	N	Mínimo	Máximo	Amplitud	Media	Desvío Padrón
Enfermería	118	17	26	9	19,75	1,372
Educación Infantil	70	18	29	11	21,27	2,078
Ingeniería Biotecnológica	62	17	27	10	21,95	1,885
Trabajo Social	57	17	45	28	21,28	3,853
Ingeniería Civil	47	19	32	13	23,32	2,783
Psicología	21	19	45	26	24,00	6,221

Basándonos en las distintas carreras confluyentes en nuestra muestra, procedimos a consultar los respectivos planes de estudio y coordinadores (o sustitutos), con el intuito de identificar cuáles eran las carreras que tenían previstas prácticas con personas mayores. En el momento de la recogida de datos, en nuestra muestra apenas los estudiantes del 2º, 3º y 4º cursos de la Carrera-Licenciatura en Enfermería habían realizado prácticas con pacientes mayores, datos que suponían el 18,1% de la muestra (68 individuos), tal como podemos constatar en la tabla IV.

Tabla IV – Distribución de la muestra en función de haber hecho o no prácticas con pacientes mayores

¿Ha realizado prácticas con personas mayores?	N	%
No	307	81,9%
Sí	68	18,1%
Total	375	100%

En cuanto al lugar de procedencia de los alumnos, tal como podemos observar en la tabla V, existe un equilibrio, dado que 190 estudiantes (el 50,7% de la muestra) proceden del medio urbano y 185 estudiantes (el 49,3% de la muestra) procede del medio rural.

Tabla V – Distribución de la muestra en función del lugar de Procedencia

Lugar de Procedencia	N	%
Zona Urbana	190	50,7%
Zona Rural	185	49,3%
Total	375	100%

La mayor parte de nuestra muestra (284 estudiantes – 75,7%) vive sin cualquiera persona mayor en su lugar de procedencia. Tal como se puede apreciar en la tabla VI, de los 91 estudiantes que viven con personas mayores, 70 estudiantes cuentan apenas con una persona mayor en su núcleo familiar, 18 estudiantes cuentan con dos personas mayores y solamente 3 estudiantes cuentan con tres elementos.

Tabla VI – Distribución de los estudiantes en función del n.º de personas mayores con quienes residen

Residen con una persona mayor en su núcleo familiar	Residen con dos personas mayores en su núcleo familiar	Residen con tres personas mayores en su núcleo familiar	N.º total de estudiantes que residen con personas mayores
70	18	3	91

Fiabilidad del instrumento

La consistencia interna respecta a la homogeneidad de los enunciados de un instrumento de medida, que es evaluado a través de las correlaciones, lo que quiere decir que cuanto más correlacionados estén dichos enunciados mayor es su consistencia interna (Fortin, 1996/1999, p. 226). Para Ribeiro (1999) la fiabilidad puede ser identificada a través de distintos testes (test-retest, dos mitades, alfa de Cronbach, entre otros). El alfa de Cronbach es la técnica que más se utiliza para la evaluación de la consistencia interna, y se calcula con base en la media de las intercorrelaciones existentes entre todos los ítems del test, y, según el autor, una buena consistencia debe pasar un alfa de Cronbach de 0,80, no obstante ya es aceptable por encima de 0,60. En cuanto a la fiabilidad de nuestro instrumento de recogida de datos, la segunda parte del cuestionario relativa a los estereotipos en relación a las personas mayores posee una buena consistencia interna, ya que presenta un alfa de Cronbach de 0,823. En cuanto a la tercera parte del cuestionario, posee una excelente consistencia interna, puesto que presenta un alfa de Cronbach de 0,965.

1er Objetivo – Análisis descriptivo y explorador de los estereotipos

Basándonos en los resultados obtenidos en relación a la segunda parte de la escala conformada por los 40 ítems, verificamos que la mayoría de la muestra se mostró de acuerdo con los ítems de orientación positiva, como se puede constatar en la tabla VII. La percepción de que el hecho de ser mayor significa mayor experiencia de vida fue la que obtuvo el mayor porcentaje de concordancia en términos de muestra (97,9%, media del ítem = 3,62), seguida respectivamente de la percepción de que las personas mayores

pueden ser muy útiles a la sociedad (compartida por 96% de los estudiantes) y de la percepción de las personas mayores como pozos de sabiduría (compartida por 95,5% de los estudiantes). Les sigue a éstas la percepción del colectivo de la tercera edad como personas que pueden ser buenos cuidadores de niños, compartida por 90,9% de la muestra. Por orden decreciente de porcentaje de concordancia de la muestra sigue una percepción de orientación negativa, en la que 89,3% de los estudiantes perciben la vejez como una etapa que requiere mayor preocupación. A continuación nos encontramos con una percepción relativa a las personas mayores de orientación positiva (percepción de los mayores como personas cariñosas, compartida por 88,3%). De las seis primeras percepciones con mayor porcentaje de concordancia de la muestra, cinco son de orientación positiva. Siguen por orden decreciente de concordancia de la muestra, ocho percepciones de orientación negativa pertenecientes a distintas dimensiones.

Tabla VII – Estereotipos que los estudiantes comparten

Ítem	% Concordancia
Persona mayor significa mayor experiencia de vida	97,9%
Las personas mayores pueden ser muy útiles a la sociedad	96,0%
Las personas mayores son pozos de sabiduría	95,5%
Los mayores pueden ser buenos cuidadores de niños	90,9%
La vejez representa una etapa que requiere mayor preocupación	89,3%
La mayor parte de las personas mayores son cariñosas	88,3%
Ser mayor significa necesidad de mayor atención	88,0%
Las personas mayores sufren más de soledad que los jóvenes	85,9%
Cuando pienso en las alteraciones físicas naturales inherentes a la etapa de la vejez pienso en tener canas	78,9%
Regla general: la vejez constituye la etapa de mayor dependencia	59,7%
Cuando veo arrugas en la piel me acuerdo de la vejez	58,1%
Las personas mayores temen a las nuevas tecnologías	57,9%
El colectivo de personas mayores tiende a semejarse físicamente	53,9%
El colectivo de personas mayores tiende a semejarse en comportamientos	53,1%

Verificamos asimismo por medio de la tabla VIII, que la mayoría de la muestra discrepa de 27 estereotipos de orientación negativa. El mayor porcentaje de discordancia en términos de muestra, fue la obtenida relativamente al ítem n.º1 y al n.º 38, pues 97,6% de la muestra discrepa de la percepción de las personas mayores como personas enfermas, como personas feas. Aún por encima del 90% de individuos de la muestra que discrepa de los estereotipos, se encuentran los siguientes resultados: el 97,3% de la muestra manifiesta su desacuerdo respecto a que con el envejecimiento las personas mayores se vuelven menos

inteligentes; el 96,8% de la muestra discrepa del estereotipo “los mayores son incapaces de aprender algo nuevo”; el 95,7% de la muestra no está de acuerdo con el estereotipo que dice que evitaba utilizar la imagen de una persona mayor en campañas de marketing si fuesen expertos en marketing; el 94,7% de la muestra discrepa de que las personas mayores son improductivas; el 93,6% de la muestra no está de acuerdo con que la vejez representa no tener nada que hacer; el 93,1% de la muestra discrepa de que las personas de la tercera edad son incapaces de pensar con claridad; el 90,1% de la muestra manifiesta su desacuerdo respecto a que la vejez es sinónimo de decadencia social. A continuación exponemos 17 estereotipos de orientación negativa que abarcan distintas dimensiones y que merecieron junto a los anteriormente mencionados la discrepancia de la mayor parte de la muestra de estudiantes.

Tabla VIII – Estereotipos que los estudiantes no comparten

Ítem	% Discrepancia
Por regla general, ser mayor significa ser enfermo	97,6%
Por regla general las personas mayores son feas	97,6%
Las personas, a medida que envejecen se vuelven menos inteligentes	97,3%
Los mayores son incapaces de aprender cosas nuevas	96,8%
Si yo fuese experto en marketing, en las campañas publicitarias evitaba la utilización de la imagen de la persona mayor	95,7%
Las personas mayores son improductivas	94,7%
Vejez representa no tener nada que hacer	93,6%
Las personas mayores son incapaces de pensar con claridad	93,1%
Vejez es sinónimo de decadencia social	90,1%
Vejez es sinónimo de decadencia psíquica	89,6%
La mayoría de las personas mayores está senil	88,3%
Las personas mayores generalmente son personas tristes	86,9%
Las personas mayores son incapaces de cambiar y de adaptarse a nuevas situaciones	86,4%
Los mayores no son capaces de mantener una erección	85,3%
Pensar en la vejez, significa pensar en la muerte	84,3%
Las personas mayores tienen poco o ningún deseo sexual	79,7%
La depresión es una característica común en las personas mayores	77,3%
Volverse mayor significa perder la capacidad de memoria	74,9%
La mayor parte de los mayores no acepta la opinión de los demás	73,3%
Pensar en la vejez significa pensar en abandono social	72,8%
Cuando pienso en la fisonomía de la persona mayor me viene a la mente alguien con gafas, bastón	71,2%
Las personas mayores no deben desempeñar tareas que exijan mayor destreza manual	66,9%
Vejez es sinónimo de decadencia física	66,9%
Las personas mayores deben evitar manipular máquinas	60,8%
Entrar en la etapa de la vejez significa regresar a la infancia	59,7%
La mayoría de las personas mayores es analfabeta	58,4%

También Rodríguez y Postigo (2004) en un estudio sobre estereotipos juveniles referentes al envejecimiento, en una muestra de 530 jóvenes universitarios verificaron que no existía un predominio de estereotipos negativos, sino una tendencia hacia una imagen más positiva en relación a los mayores, por parte de los jóvenes, verificándose que los estereotipos positivos eran los más unánimemente compartidos. Nuestros resultados van así al encuentro de lo pretendido por los objetivos planteados por el Plan de Acción Internacional de Madrid sobre el Envejecimiento, respecto tanto “a la imagen positiva del envejecimiento”, como “al mayor reconocimiento público de la autoridad, de la sabiduría, de la productividad y otras contribuciones importantes de las personas mayores”, emanado de la II Asamblea Mundial para el Envejecimiento (Naciones Unidas, 2002). Royo et al. (2006) señalan que existe actualmente un concepto más positivo acerca de la vejez, considerando que para esta visión ha contribuido la evolución de la ciencia y de los medios tecnológicos que desaceleran el proceso de envejecimiento, y el hecho de que vivimos en un mundo en el que se acepta la heterogeneidad, resaltando asimismo que es visible el interés de los mayores en mejorar continuamente su imagen, posición e influencia social, interés que se refleja en su auto-percepción y en la percepción que los demás grupos etarios poseen y poseerán acerca de ellos. Como hemos constatado, a pesar de que existe un predominio de la discrepancia relativamente a la mayoría de los estereotipos de orientación negativa, algunos persisten en el contexto espacio-temporal estudiado, y a pesar de la poco perceptible incidencia debemos tener en cuenta que el riesgo de que los estereotipos negativos induzcan a actitudes negativas es superior a la probabilidad de que los estereotipos positivos induzcan a actitudes positivas, principalmente en lo que se refiere a personas de edad más avanzada (Hummert, Garstka, Shaner, y Strahm, 1995). Las categorías de orientación negativa que merecieron concordancia por parte del porcentaje más elevado de la muestra se refieren a una estereotipia de dependencia de la persona mayor (requiere mayor preocupación; necesidad de mayor atención; mayor dependencia; sufre más de soledad que los más jóvenes) y a una estereotipia de decadencia de la imagen física resultante del envejecimiento primario (arrugas). La estereotipia de la dependencia, representa la percepción de la vejez como un problema social (Fernandes, 1997), fruto de las repercusiones inherentes a un creciente envejecimiento demográfico, lo que implica la necesidad de movilización de recursos humanos y materiales de apoyo, de esfuerzos y

atenciones que busquen la satisfacción de una vejez que a menudo se equipara erróneamente a la pobreza, a la falta de recursos, a la soledad, a la enfermedad, a la segregación, ya que, como nos enfatizan varios autores, como por ejemplo Serrano (2004), la mayor parte de las personas mayores disfruta de buena salud física y mental, son independientes, por lo que se deben rechazar los mitos y los estereotipos que las caracterizan como personas enfermas y dependientes. Cabe señalar que la dependencia fue también la estereotipia psicosocial más apuntada a la vejez por los jóvenes (18-25 años) y por la primera edad adulta (26-34 años) en la investigación elaborada por Marín, Troyano y Vallejo (2001). En cuanto a la decadencia de la imagen física, ésta es infundida con fuerza conceptualmente por las ciencias biológicas e implícitamente o explícitamente en las definiciones dadas por las ciencias sociales (Laforest, 1989/1991), lo que se encara a un nivel primario como un fenómeno universal, irreversible, destructor e intrínseco, siguiendo así una perspectiva de unidireccionalidad de declive propia del modelo biológico. La imagen física representa un fuerte impulsor de estereotipos negativos en jóvenes, según las conclusiones a las que llegaron los investigadores Hummert, Garstka y Shaner (1997), imagen proyectada intensamente por los medios de comunicación de masas a través de una cultura antivejeamiento/anti-vejez, visible debido al aumento del número de programas televisivos (sobre cirugía plástica, esteticismo, entre otros) y de campañas publicitarias, cuyo mensaje busca el combate de las alteraciones inherentes al envejecimiento natural, enfatizando lo juvenil, la belleza física (Clara, 1999; Acosta-Orjuela, 2002).

Basándonos en la postura tomada por la muestra en sus respuestas a los 40 estereotipos, los tests estadísticos aplicados revelan la existencia de 3 grupos de sujetos correspondientes a distintos perfiles de respuesta, de entre los que destacamos el perfil 1 que representa al grupo de estudiantes (156) cuyas respuestas presentan mayoritariamente las medias más bajas, siendo muy visible gráficamente su postura de discrepancia hacia la mayoría de los estereotipos de cariz negativo, hecho que nos permite resaltar (simplemente) que este grupo corresponderá a aquél que niega con más vehemencia la estereotipia en relación a las personas mayores, pues en una muestra nítidamente joven, son varias las variables en juego que pueden determinar la postura de este grupo (tradiciones, estructura familiar, grado de contacto íntimo con personas mayores, modernización, entre otras), como nos

señala Neto (1992b).

Verificación de las hipótesis 1, 2, 3, 4 y 5

Hipótesis 1

Con la hipótesis 1 pretendíamos determinar si había diferencias estadísticamente significativas entre el sexo y la existencia de estereotipos en relación a las personas mayores. Tomando como base los resultados obtenidos a través del test de hipótesis aplicado, encontramos significancia (existencia de relación) entre las variables “sexo” y la percepción relativa a los ítems 02, 19, 32 y 34, como se puede ver en la tabla IX.

Tabla IX – Distribución de la muestra para los ítems con significancia en función del sexo

Ítem	Variable dependiente - Estereotipo -	Discrepancia /Concordancia	Variable Independiente - Sexo		Significancia Test Exacto de Fisher
			Masculino (%)	Femenino (%)	
02	Las personas mayores son incapaces de cambiar y de adaptarse a nuevas situaciones	Discrepancia	75,3%	89,1%	$p = 0,004$
		Concordancia	24,7%	10,9%	
19	Cuando veo arrugas en la piel me acuerdo de la vejez	Discrepancia	53,4%	39,1%	$p = 0,034$
		Concordancia	46,6%	60,9%	
32	Los mayores no son capaces de mantener una erección	Discrepancia	76,7%	87,4%	$p = 0,027$
		Concordancia	23,3%	12,6%	
34	Las personas mayores no deben desempeñar tareas que exijan mayor destreza manual	Discrepancia	53,4%	70,2%	$p = 0,008$
		Concordancia	46,6%	29,8%	

Verificamos que la asociación de las arrugas de la piel a la vejez fue el ítem que obtuvo una visión más antagónica, ya que es claramente perceptible la concordancia con el mismo por la mayor parte de la muestra femenina, que se opone radicalmente a la discrepancia de la mayoría de la muestra masculina. Según varios autores (Snyder y Miene, 1994; D’angelo, 2002; García, 2005), la percepción de los primeros síntomas del envejecimiento de la figura corporal (canas, arrugas) implica una connotación cultural distinta relativamente a los dos sexos, verificándose una mayor tolerancia social hacia el

mismo por parte del sexo masculino. En ese sentido, como nos cita D'angelo (2002, p.33) la sociedad considera equivocadamente que “mientras que los hombres maduran las mujeres envejecen”. Por otro lado, según dicha autora, el deseo de la eterna juventud es un sueño masculino proyectado sobre las mujeres, lo que provoca en ellas un impulso hacia la negación de la edad, por lo que éstas para existir deben enmascararse. Los procesos de enmascaramiento esconden de esta forma, los marcadores biológicos frecuentemente atribuidos al hecho de envejecer, a la vejez, que se traducen en la percepción de la llegada de dificultades (pérdida del poder atractivo; mayor vulnerabilidad económica por parte de las mujeres sin participación activa en el mercado laboral; entre otras). Aún según D'angelo (2002) los procesos de enmascaramiento son alentados por una potente industria cosmética que les impide elegir y definir ellas mismas su auto-concepto de belleza y bienestar personal; por otro lado, en palabras de la autora la “presión social y cultural ofrece poco apoyo a las mujeres a las que les gustaría pensar y comprobar que sus arrugas y su pelo canoso pueden ser percibidos como signos de encanto, carácter y carisma” (p.33).

Hipótesis 2

A través de la hipótesis 2 pretendíamos probar la existencia de relación entre la edad y la concordancia con los estereotipos en relación a las personas mayores, para tal se aplicó el test de Spearman, que nos permitió verificar la existencia de relación (débil, pero existente) entre la edad y cinco ítems ($p < 0,05$), tal como se puede observar en la tabla X. Esta relación traduce el hecho de que cuanto más elevada es la edad del estudiante, mayor es la tendencia (tenue, pero existente) hacia la concordancia (o su refuerzo) con la percepción de que:

- “Las personas mayores sufren más de soledad que los jóvenes”;
- “Las personas mayores son pozos de sabiduría”;
- “Entrar en la etapa de la vejez significa regresar a la infancia”;
- “Las personas mayores deben evitar manipular máquinas”.

Traduce además que cuanto mayor es la edad del estudiante, mayor es la tendencia (tenue, pero existente) hacia la discordancia con la percepción de que “Si yo fuese experto en marketing, en las campañas publicitarias evitaba la utilización de la imagen de la persona mayor”.

Tabla X – Relación entre la edad y los estereotipos

Ítem	Estereotipo	Correlación de Spearman (r_s)	Sig.
04	- Las personas mayores sufren más de soledad que los jóvenes	0,106*	$P = 0,040$
05	- Las personas mayores son pozos de sabiduría	0,106*	$P = 0,040$
22	- Entrar en la etapa de la vejez significa regresar a la infancia	0,178*	$P = 0,001$
30	- Si yo fuese experto en marketing, en las campañas publicitarias evitaba la utilización de la imagen de la persona mayor	-0,145*	$P = 0,005$
35	- Las personas mayores deben evitar manipular máquinas	0,104*	$p = 0,044$

* $p < 0,05$

Marín, Troyano y Vallejo (2001) afirman que la percepción que cada uno de nosotros tiene acerca de la vejez no es estática, sino que se altera en función de la edad, dependiendo de la etapa evolutiva en la cual nos encontramos. Relativamente a los ítems mencionados, hay que destacar que:

- La percepción errónea de que las personas mayores sufren más de soledad que los jóvenes, supone un estereotipo en nuestra cultura ya referenciado hace algunos años por Neto (1992a).

- La asociación de la sabiduría a las personas mayores constituye una visión coincidente con los resultados del estudio comparativo de la variable edad en cuanto a los estereotipos relativos a las personas mayores, efectuado por Peral (2000), en el que verificó que la imagen positiva tiende a aumentar con la edad.

- Considerar que la vejez significa regresar a la infancia es una idea que evidencia un paternalismo que tiene por base el aumento de la fragilidad y del grado de dependencia característico del paso de los años (Neves, 2001).

- Considerar que las personas mayores deben evitar manipular máquinas no sustenta los estudios científicos efectuados en este ámbito, como nos señala Paltore (1999), puesto que a pesar de que con el paso de los años existe una ralentización de la capacidad de reacción, los trabajadores mayores desempeñan sus tareas tan eficazmente como los más jóvenes, habiendo sido incluso verificado por las estadísticas existentes para el contexto estadounidense que los trabajadores mayores eran víctimas de un menor número de accidentes laborales.

- El aumento de la edad del encuestado refuerza la tendencia hacia la discrepancia, por lo que se niega la relativa invisibilidad (sub-representación) de la inclusión de personas mayores en campañas publicitarias, señalada por Acosta-Orjuela (2002).

Hipótesis 3

Con la hipótesis 3 pretendíamos saber si existían diferencias significativas entre los estudiantes que habían hecho y los que no habían hecho prácticas con pacientes mayores y la existencia de estereotipos en relación a las personas mayores. Tal como en la hipótesis 1, para verificar dicha significancia (existencia de relación) aplicamos el test exacto de Fisher. Constatamos la existencia de significancia entre las variables “prácticas con pacientes mayores” y la percepción referente a los ítems 03, 22 e 26, como se observa en la tabla XI.

Tabla XI – Distribución de la muestra para los ítems con significancia en función de haber o no hecho prácticas con mayores

Ítem	Variable dependiente	Discrepancia /Concordancia	Variable Indep. - Prácticas con pacientes mayores		Significancia Test Exacto de Fisher
			No (%)	Sí (%)	
03	Las personas mayores tienen poco o ningún deseo sexual	Discrepancia	77,5%	89,7%	$p = \underline{0,029}$
		Concordancia	22,5%	10,3%	
22	Entrar en la etapa de la vejez significa regresar a la infancia	Discrepancia	56,0%	76,5%	$p = \underline{0,002}$
		Concordancia	44,0%	23,5%	
26	Ser mayor significa necesitar mayor atención	Discrepancia	13,7%	4,4%	$p = \underline{0,038}$
		Concordancia	86,3%	95,6%	

Los tests estadísticos revelaron la existencia de diferencias estadísticamente significativas en relación a 3 ítems de orientación negativa, no obstante, apenas en un ítem se verificó concordancia con el mismo, en dicho ítem el grupo de estudiantes que habían hecho prácticas con pacientes mayores (que son los estudiantes del 2º, 3º y 4º curso de la Carrera-Licenciatura en Enfermería, a quienes les fue impartida en el 1er curso una asignatura del ámbito de la gerontología – “Enfermería Gerontológica”, y habiendo ya prestado todos ellos cuidados a miembros del colectivo de la tercera edad) está de acuerdo, en un mayor porcentaje (95,6%), con que “Ser mayor significa necesidad de mayor atención”. Dicha percepción podrá explicarse atendiendo a que en la práctica hospitalaria el alumno se enfrenta directamente con mayores portadores de problemas (enfermedad, abandono

familiar, entre otros), cuya institucionalización presupone siempre la satisfacción de algún tipo de necesidad, y por otro lado, en ese medio, los alumnos tal como los profesionales, se deparan con más frecuencia con la enfermedad que con el envejecimiento normal (Alves y Novo, 2006).

Hipótesis 4

Con la hipótesis 4 pretendíamos saber si existían diferencias significativas entre el lugar de procedencia y la existencia de estereotipos en relación a las personas mayores. Para tal efecto se aplicó también el test exacto de Fisher. Apenas encontramos significancia (relación) entre el “lugar de procedencia” y la percepción del ítem 40 que nos dice que “La mayoría de las personas mayores es analfabeta”, pues el test exacto de Fisher presentaba un $p=0,007$. En cuanto a estas dos variables, a través de la tabla XII verificamos que tanto los estudiantes que proceden de la zona urbana, como los que proceden de la zona rural, discrepan en un porcentaje alto de este ítem, sin embargo, hay que señalar que el porcentaje de discrepancia es mayor en los estudiantes que proceden de la zona Urbana.

Tabla XII – Distribución de la muestra para los ítems con significancia en función del lugar de procedencia

Ítem	Variable dependiente	Discrepancia /Concordancia	Variable Independiente – Lugar de Procedencia		Significancia Test Exacto de Fisher
			Rural (%)	Urbana (%)	
40	La mayoría de las personas mayores es analfabeta	Discrepancia	51,4%	65,3%	$p = 0,007$
		Concordancia	48,6%	34,7%	

Comparativamente, el menor porcentaje de discrepancia por parte de los alumnos provenientes del medio rural con el estereotipo de afirma que “La mayoría de las personas mayores es analfabeta”, probablemente es derivado de la percepción de la existencia de un mayor n.º de mayores iletrados en los medios rurales, como se pudo constatar en el estudio comparativo entre mayores rurales y urbanos, realizado por Paúl, Fonseca, Martín y Amado (2005), a través del cual verificaron que en la comunidad rural el número de iletrados era bastante superior.

Hipótesis 5

Con la hipótesis 5 pretendíamos identificar si existían diferencias significativas entre el

hecho de residir o no con mayores en el lugar de procedencia y la existencia de estereotipos en relación a las personas mayores. Para eso, se aplicó también el test exacto de Fisher. Verificamos la existencia de significancia entre el hecho de “residir o no con mayores” y la percepción de los ítems 03, 07, 10, 13, 18, 22, 26, 27, 29 y 38, como podemos observar en la tabla XIII.

Tabla XIII – Distribución de la muestra para los ítems con significancia en función de residir o no con mayores

Ítem	Variable dependiente	Discrepancia /Concordancia	Variable Independiente - Reside con mayores		Significancia Test Exacto de Fisher
			Sí (%)	No (%)	
03	Las personas mayores tienen poco o ningún deseo sexual	Discrepancia	71,4%	82,4%	$p = \underline{0,035}$
		Concordancia	28,6%	17,6%	
07	Las personas mayores son improductivas	Discrepancia	90,1%	96,1%	$p = \underline{0,034}$
		Concordancia	9,9%	3,9%	
10	Por regla general la vejez constituye la etapa de mayor dependencia	Discrepancia	30,8%	43,3%	$p = \underline{0,037}$
		Concordancia	69,2%	56,7%	
13	Vejez es sinónimo de decadencia física	Discrepancia	54,9%	70,8%	$p = \underline{0,007}$
		Concordancia	45,1%	29,2%	
18	La mayoría de las personas mayores está senil	Discrepancia	81,3%	90,5%	$p = \underline{0,024}$
		Concordancia	18,7%	9,5%	
22	Entrar en la etapa de la vejez significa regresar a la infancia	Discrepancia	46,2%	64,1%	$p = \underline{0,003}$
		Concordancia	53,8%	35,9%	
26	Ser mayor significa necesidad de mayor atención	Discrepancia	5,5%	14,1%	$p = \underline{0,027}$
		Concordancia	94,5%	85,9%	
27	Vejez representa una etapa que requiere mayor preocupación	Discrepancia	4,4%	12,7%	$p = \underline{0,030}$
		Concordancia	95,6%	87,3%	
29	Los mayores pueden ser buenos cuidadores de niños	Discrepancia	15,4%	7,0%	$p = \underline{0,021}$
		Concordancia	84,6%	93,0%	
38	Por regla general las personas mayores son feas	Discrepancia	93,4%	98,9%	$p = \underline{0,008}$
		Concordancia	6,6%	1,1%	

Hay que destacar que el grupo de estudiantes que reside con personas mayores en su lugar de procedencia está de acuerdo con un mayor número de estos ítems de orientación negativa (Vejez = mayor dependencia; Vejez = regresar a la infancia; Vejez = necesidad de mayor atención; Vejez = etapa que requiere mayor preocupación), no obstante, la diferencia es mínima, aunque es importante destacar que relativamente a los 3 ítems de orientación negativa en que la mayor parte de ambos grupos están de acuerdo, este porcentaje ha sido siempre superior para el grupo de los que residen con mayores, resultados que se oponen claramente a la teoría de la hipótesis de contacto social, tal como ocurrió en el estudio de Revenson (1989). En la investigación realizada por Pascual et al. (1997), también se constató que jóvenes estudiantes que convivían con mayores poseían una peor imagen acerca de la vejez, la temían más, resultado percibido, según los autores, como una visión más realista que la que tienen aquellos que no residen con mayores. Es importante resaltar que estos ítems de orientación negativa que obtuvieron concordancia por parte de los dos grupos se incluyen en una componente nítidamente ligada a la estereotipia de la dependencia afectiva y de la atención.

2º Objetivo – Análisis descriptivo y explorador de los distintos atributos

Relativamente a la tercera parte del cuestionario, basándonos en la tabla XIV, constatamos a partir de las medias de intensidad percibidas para los 20 atributos distintos por década y a partir de los cincuenta años, que las medias de intensidad decaen en 16 de los atributos. Los cuatro atributos percibidos en los que tal no ocurre son la experiencia, la sabiduría, la dependencia y la soledad. La experiencia ha sido el atributo percibido de orientación positiva cuya media de intensidad ha crecido a lo largo de todas las décadas, y es el que posee la mayor media de intensidad (8,32) para la década de los 90 años. También la sabiduría ha sido otro de los atributos percibidos de orientación positiva que ha crecido a lo largo de las décadas 50/60, 60/70 y 70/80, manteniendo el mismo valor de intensidad en paso de los 80 para los 90 años. Encontramos asimismo un crecimiento de medias de intensidad a lo largo de las décadas para los atributos dependencia y soledad, no obstante los mismos poseen una orientación negativa, lo que quiere decir que no son deseables. De los 16 atributos que decrecieron a lo largo de las décadas, la agilidad física fue la que más lo hizo, alcanzando la media de intensidad percibida de 3,46 en la quinta década después de los cincuenta años,

mientras que la inteligencia fue la que menos disminuyó.

Tabla XIV – Media de intensidad percibida para los distintos atributos

Atributo	Edad (por década)					Diferencia entre las décadas límite
	50	60	70	80	90	(90-50)
Salud Física	7,97	7,16	6,06	4,89	3,73	-4,24
Salud Mental	8,50	8,03	7,21	6,13	5,17	-3,33
Fuerza Física	8,02	7,22	6,05	4,81	3,61	-4,41
Capacidad de Movimiento	8,32	7,69	6,61	5,21	3,93	-4,39
Capacidad Auditiva	8,34	7,68	6,57	5,30	4,22	-4,12
Felicidad	8,43	8,17	7,73	7,25	6,83	-1,60
Prestigio Social	8,22	7,79	7,10	6,47	5,96	-2,26
Productividad	8,35	7,74	6,48	5,27	4,20	-4,15
Agilidad Física	8,10	7,22	5,95	4,58	3,46	-4,64
Poder	8,19	7,74	6,95	6,15	5,50	-2,69
Recursos Económicos	7,94	7,57	6,69	6,05	5,53	-2,41
Esperanza	8,12	7,48	6,57	5,54	4,70	-3,42
Visión	7,97	7,18	5,96	4,80	3,77	-4,20
Inteligencia	8,27	8,11	7,79	7,40	7,06	-1,21
Memoria	8,24	7,67	6,63	5,57	4,60	-3,64
Sabiduría	7,50	7,73	7,96	8,14	8,14	+0,64
Belleza	8,08	7,76	7,33	7,02	6,82	-1,26
Experiencia	6,94	7,38	7,84	8,15	8,32	+1,38
Dependencia	2,02	2,71	3,93	5,35	6,55	+4,53
Soledad	2,10	2,74	3,80	4,90	5,86	+3,76

La percepción por parte de la muestra, de un declive descendiente a lo largo de las décadas (50-90) para la mayoría de los atributos de las distintas dimensiones (biopsicosociales), que siguen únicamente la perspectiva de unidireccionalidad propia del envejecimiento biológico coincide con una visión negativa estereotipada tradicional, como nos señalan Vega y Bueno (2000), que además es puesta en causa por diversos autores (tales como: Baltes, 1987; Birren, 1995; Fernández-Ballesteros, 2000; Sánchez y Ulacia, 2005, entre otros). Este declive es más acentuado principalmente en lo que respecta a los atributos biológicos (agilidad física, fuerza física, capacidad de movimiento, salud física y visión), en este sentido, también Marco y Delgado (2002) en un estudio realizado con estudiantes, sobre las modificaciones de los estereotipos relativos a los mayores, verificaron que la mayor carga de valorizaciones negativas incidían sobre la dimensión física. Constituyen excepción al declive los atributos de orientación positiva (sabiduría y experiencia), atributos que por diversas veces a lo largo de la historia de la humanidad se han visto

asociados a la imagen de la persona mayor (Minois, 1987/1999). Varios estudios (Villar, 1995; Villar y Triadó, 1999; Rodríguez y Postigo, 2004) sobre la percepción de los distintos atributos (en los que, de estos dos últimos atributos, apenas se incluía la sabiduría) a lo largo del ciclo vital, destacaron la sabiduría como el único atributo que presentaba una ascensión continua desde la infancia hasta la vejez, mientras que todos los demás decaían desde la mediana edad hasta la vejez.

Tomando por base el cálculo de las medias del coeficiente de envejecimiento percibido para los dos grupos etarios (50-70/70-90), se constata la existencia de mayores valores negativos para la franja de los 70/90 respecto esencialmente a la percepción de la capacidad de movimiento, agilidad física, fuerza física, capacidad auditiva, salud física, productividad, visión, salud mental, memoria, esperanza, poder, inteligencia y felicidad. Únicamente se verifican valores negativos más bajos respecto a la percepción de la belleza y de los recursos económicos. Hemos constatado la existencia de mayores valores positivos para la franja de los 50/70 en lo referente a la percepción de la sabiduría y experiencia, y para la franja de los 70/90 relativamente a la percepción de la dependencia y soledad (no obstante, estos atributos son de carácter negativo, por lo tanto no deseables). El declive más acentuado en la mayoría de los atributos en el grupo de los 70-90, coincide con los resultados obtenidos por Hummert (1990), en los que se constató que los jóvenes adultos estudiantes creían que los estereotipos negativos eran más característicos de los mayores de edades más avanzadas (mayores de 75 años).

Basándonos en la visión gráfica de las variables independientes «sexo», «haber hecho o no prácticas con mayores», «lugar de procedencia» y «residir o no con pacientes mayores», de un modo general son pequeñas las diferencias entre las medias de los coeficientes de envejecimiento percibido, aún así, de entre éstas, la variable sexo y la variable edad han sido las que más diferencias estadísticamente significativas han aportado.

3er Objetivo – Verificación de la hipótesis 7

El abordaje del tercer objetivo requiere la verificación de la hipótesis 7. Esta hipótesis pretende determinar si los estudiantes con un coeficiente de envejecimiento percibido más negativo relativamente a los distintos atributos que se dan a partir de la quinta década

poseen puntuaciones más elevadas en las dimensiones resultantes del agrupamiento de estereotipos de orientación negativa. Inicialmente se intentó caracterizar la estructura de los estereotipos presentes en la segunda parte del cuestionario, pero como el análisis factorial representa un procedimiento primordial para la apreciación de la dimensionalidad de los instrumentos, hemos recurrido a él. En el test de KMO se obtuvo un índice de 0,806, catalogado como bueno, lo que con base en la clasificación presentada por Pereira (1999) nos indica que se puede efectuar un análisis de componentes. El test de esfericidad de Bartlett revela que la matriz de correlaciones también es adecuada al análisis de componentes principales, ya que el valor de prueba es menor que 5% (Sig.=0,000). Optamos, en las distintas factorizaciones efectuadas por rotación varimax, por la selección de la reducción en cinco componentes (factores/dimensiones), basándonos en la estructura teórica, donde se destacan los trabajos efectuados en este ámbito. Todos los factores obtenidos presentan un valor propio (eigenvalue) superior a 1, lo que permite su aislamiento, como señalan Almeida y Freire (2003). Del total de 40 ítems que formaban parte de la segunda parte del instrumento de recogida de datos, la reducción a cinco componentes por rotación varimax no incluyó 13 ítems. Los cinco factores encontrados explican 33,983% de la variancia total. El porcentaje de explicación de la variancia y la consistencia interna de cada factor fueron los siguientes:

- El primer factor que está constituido por ocho ítems, explica 15,802% de la variancia y presenta una óptima consistencia interna (alfa de Cronbach=0,705). Este factor incluye un ítem que se correlaciona negativamente con la percepción de orientación positiva, y que es el que afirma que “Las personas mayores no pueden ser muy útiles a la sociedad”.
- El factor 2 que está formado por seis ítems, explica 5,967% de la variancia y presenta también un buen alfa de Cronbach (0,664).
- El factor 3 incluye cinco ítems, explica 4,568% de la variancia y presenta un alfa de Cronbach de 0,618.
- El factor 4 que está constituido por cinco ítems, explica 3,927% de la variancia y presenta un alfa de Cronbach de 0,525. Este factor presenta dos ítems que se correlacionan negativamente con percepciones de orientación positiva, lo que significa que los ítems son entendidos en su forma inversa: “Los mayores no pueden ser buenos cuidadores de niños” y “Las personas mayores no son pozos de sabiduría”.

- El último factor obtenido está formado apenas por tres ítems y explica 3,719% de la variancia, y presenta un alfa de 0,471.

Teniendo en consideración los ítems que forman parte de cada factor, su orientación (-/+) y con base en la estructura teórica del ámbito en estudio, denominamos a los cinco factores de la siguiente forma:

- 1er Factor – Estereotipia del declive cognitivo-motivacional y social, dado que incluye ítems de declive del foro social (decadencia social, abandono social, improductividad, no tener nada que hacer, los mayores no pueden ser útiles a la sociedad), de declive del foro cognitivo (incapaces de aprender cosas nuevas, incapaces de pensar con claridad) y un ítem de percepción negativa motivacional (tristeza).

- 2º Factor – Estereotipia de la dependencia afectiva y atencional, dado que incluye ítems que se relacionan directamente con la dependencia (la vejez es la etapa de mayor dependencia) e ítems que se le presuponen (ser mayor significa necesidad de mayor atención, la vejez representa una etapa que requiere mayor preocupación, vejez significa regresar a la infancia).

- 3er Factor – Estereotipia del deterioro de la imagen física, atendiendo a que incluye ítems que corresponden a manifestaciones físicas inherentes al proceso de envejecimiento (arrugas, canas), así como un ítem que respecta a objetos marcadores de la vejez necesarios a la compensación de alteraciones físicas inherentes al proceso de envejecimiento (gafas, bastón), incluye también un ítem titulado decadencia física y otro denominado muerte (también de índole física).

- 4º Factor – Estereotipia del declive cognitivo-funcional, ya que incluye ítems que se refieren tanto a la dimensión cognitiva (menos inteligentes, no son pozos de sabiduría) como a la capacidad de desempeño (destreza manual, manipulación de máquinas, cuidar niños).

- 5º Factor – Estereotipia del declive de la sexualidad y pérdida de la plasticidad, puesto que incluye un ítem referente a la incapacidad de adaptación (resistencia al cambio), e incluye además dos ítems relacionados con una visión negativa en relación a aspectos de la sexualidad (deseo, capacidad de erección).

Resaltamos, basándonos en las respuestas dadas por los estudiantes, que la mayoría

de la muestra se sitúa por encima del punto medio de la 2.^a dimensión, lo que significa que esta mayoría está de acuerdo con esta dimensión. Estudios realizados en este ámbito, como por ejemplo el de Marín, Troyano y Vallejo (2001) destacan la dependencia como la principal estereotipia psicosocial atribuida a la vejez. Los tests estadísticos aplicados en el cruce entre los coeficientes de envejecimiento percibido para los distintos atributos y las cinco dimensiones obtenidas revelaron que únicamente la relación encontrada al nivel de la segunda dimensión corrobora íntegramente nuestra hipótesis, porque esta relación traduce que los estudiantes con un coeficiente de envejecimiento percibido más negativo en todos los atributos obtenidos (dependencia, felicidad, soledad - para el grupo 50/70; soledad, salud física y felicidad - para el grupo 70/90), poseen puntuaciones más elevadas en esta dimensión, habiendo no obstante que mencionar que a pesar de que el modelo es significativo, la capacidad explicativa de las variables encontradas es muy reducida.

Conclusiones, limitaciones y sugerencias

En este trabajo de investigación, hemos constatado para el contexto espacio-temporal estudiado que nuestra muestra discrepó mayoritariamente con la mayor parte de los estereotipos de orientación negativa y manifestó acuerdo con todos los estereotipos de orientación positiva, resultados estos que están en consonancia con el estudio de Rodríguez y Postigo (2004) y con Royo et al. (2006) que resaltan la tendencia actual hacia una imagen más positiva en relación a la vejez. A pesar del predominio de la discrepancia, conviene alertar que en este estudio se percibe que algunos de los estereotipos persisten. Las categorías de orientación negativa que han merecido concordancia por el porcentaje más alto de la muestra se refieren a una estereotipia de dependencia de la persona mayor (requiere mayor preocupación; necesidad de mayor atención; mayor dependencia; sufre más de soledad que los más jóvenes) y a una estereotipia de decadencia de la imagen física resultante del envejecimiento primario (arrugas).

De las varias hipótesis planteadas en función de las distintas variables independientes relativamente a la escala de estereotipos, se constató que algunos de los estereotipos

insisten en mantenerse en el contexto estudiado. El sexo femenino revelo estar de acuerdo con un mayor n.º de estereotipos de orientación negativa, consecuente con la mayor atribución de los síntomas físicos de envejecimiento de la figura corporal a la etapa de la vejez. En cuanto a la variable edad del alumno, el aumento de la misma se traduce en una tendencia (estadísticamente pequeña, pero existente) hacia: la concordancia con el estereotipo que señala que las personas mayores sufren más de soledad que los jóvenes; la concordancia (o menor discrepancia) con que las personas mayores deben evitar manipular máquinas; hacia la concordancia (o menor discrepancia) de que entrar en la vejez significa regresar a la infancia; hacia la mayor discrepancia con el estereotipo que afirma que la imagen de las personas mayores no debe ser utilizada en campañas publicitarias; hacia el refuerzo de la concordancia con el estereotipo de orientación positiva referente a que las personas mayores son pozos de sabiduría. En cuanto a la existencia de estereotipos dependiendo de si el alumno ha realizado o no prácticas con pacientes mayores, podemos destacar que los alumnos que ya habían realizado prácticas con pacientes mayores, presentaban un mayor porcentaje de concordancia en términos de muestra (estadísticamente significativa) con “Ser mayor significa necesidad de mayor atención”. Respecto al lugar de procedencia apenas se encontró relación de significancia relativamente al mayor porcentaje de discrepancia por parte de los alumnos provenientes del medio urbano con el estereotipo: “La mayoría de las personas mayores es analfabeta”. En relación a la variable “Vivir o no con mayores”, se verificó que el grupo de estudiantes que reside con personas mayores en su lugar de procedencia concuerda con un mayor n.º de ítems de orientación negativa (mayor dependencia, regresar a la infancia; necesidad de mayor atención; etapa que requiere mayor preocupación).

De las medias de intensidad de coeficiente de envejecimiento percibido por los estudiantes para los distintos atributos, a partir de los cincuenta años y por década, se destaca en este estudio la percepción por parte de la muestra, de un declive descendiente a lo largo de las décadas (50-90) para la mayoría de los atributos de las distintas dimensiones (biopsicosociales), que siguen únicamente la perspectiva de unidireccionalidad propia del envejecimiento biológico y que es coincidente con una visión negativa estereotipada tradicional, visión puesta en causa desde hace mucho tiempo por varios autores (tales como: Baltes, 1987; Birren, 1995; Fernández-

Ballesteros, 2000; Sánchez y Ulacia, 2005, entre otros). Basándonos en la percepción relacionada con la delimitación previa de dos grupos etarios (50/70 y 70/90) se constata además un declive más acentuado en la mayoría de los atributos para el grupo de los 70/90. Relativamente a las variables independientes son muy pequeñas las diferencias obtenidas entre las medias de los coeficientes de envejecimiento percibido, pero aun así, cabe destacar que, de entre las mismas, la variable sexo y la variable edad han sido las que más diferencias estadísticamente significativas han aportado.

Al abordar la última hipótesis en estudio, el análisis factorial destacó de la escala de estereotipos, cinco dimensiones (denominadas: estereotipia del declive cognitivo-motivacional; estereotipia de la dependencia afectiva y atencional; estereotipia del deterioro de la imagen física; estereotipia del declive cognitivo-funcional; estereotipia del declive de la sexualidad y pérdida de la plasticidad) que engloban un total de 27 ítems, que corresponden todos ellos a una escala de estereotipos de orientación negativa. Del análisis de las cinco dimensiones, pudimos verificar que para la segunda dimensión (estereotipia de la dependencia afectiva y atencional), la mayoría de la muestra se sitúa por encima del punto medio, lo que se traduce en una mayor concordancia de la muestra hacia esta dimensión. Del cruce entre los coeficientes de envejecimiento percibido para los distintos atributos (correspondiente a las variables independientes) y las cinco dimensiones obtenidas (correspondiente a las variables dependientes), nuestra última hipótesis se corrobora integralmente únicamente al nivel de la segunda dimensión, lo que significa, que a un coeficiente de envejecimiento percibido más negativo en los atributos «dependencia, «felicidad» y «soledad», para el grupo 50/70, y en los atributos «soledad», «salud física» y «felicidad», para el grupo 70/90, corresponden puntuaciones más elevadas en esta dimensión; sin embargo la capacidad explicativa de las variables encontradas es muy reducida.

Relativamente a las limitaciones, hay que resaltar que estos resultados se refieren a la recogida de datos en un determinado contexto espacio-temporal, y dado que los estereotipos están muy influenciados principalmente por parte de los medios de comunicación, así como por el contexto socio-cultural donde tienen lugar, esto significa que los resultados no se deben extrapolar a otros contextos. No obstante, esta elevada

mutabilidad de los estereotipos puede suponer una ventaja, ya que si trabajamos correctamente los factores que los influyen podremos favorecer la imagen positiva en relación al envejecimiento, y a la imagen que representa el hecho de ser mayor.

La evolución de las sociedades va pareja con el respeto que se debe tener hacia todos sus miembros, independientemente de la edad que tengan. Por eso, evitar y combatir la discriminación por motivo de edad debe erigirse en deber cívico, lo que presupone en primer lugar combatir los estereotipos de orientación negativa que terca e injustificadamente se mantienen en la sociedad actual, así como la prevención del resurgimiento de los mismos, y para tal efecto sugerimos:

- Primeramente a nivel político-social, la elaboración e implementación de un Plan Nacional Gerontológico que contemple: la promoción de la imagen positiva de la vejez, del hecho de ser mayor; la promoción y la utilización del gran potencial de contribución de las personas mayores como miembros de la sociedad, destacando sus valores, su experiencia de vida, su sabiduría, entre otros; la promoción de los beneficios de una sana relación entre generaciones; la promoción del espíritu de solidaridad entre generaciones.
- Mayor difusión a través de los medios de comunicación de medidas que promuevan imágenes positivas sobre el envejecimiento, y también el mayor reconocimiento público de la autoridad, de la sabiduría, de la productividad y otras contribuciones consideradas de extrema importancia y que proceden de las personas mayores, tal como fué propuesto por el Plan de Acción Internacional, que vio la luz en 2002 de la mano de las Naciones Unidas.
- Alteración de la actual forma de difusión por parte de la mayoría de los medios de comunicación (TV, radio, internet, periódicos, revistas, entre otros), para que ésta incluya, divulgue y destaque en sus mensajes la heterogeneidad (variabilidad interindividual) y la multidireccionalidad propias de cualquier grupo de mayores, sin difundir contenidos discriminatorios.
- Envolvimiento de la comunidad científica en el abordaje de las distintas temáticas gerontológicas/geriátricas, tanto a través de los medios de comunicación, como a través de la realización de foros, jornadas, congresos, entre otros, pues de esta forma se desmitifican las concepciones erróneas e injustificadas y se vuelve más creíble la transmisión de la información.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
I PARTE – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	4
CAPÍTULO I – OS IDOSOS, A VELHICE E O ENVELHECIMENTO	5
1.1 – Conceitos de Idoso, Velhice e Envelhecimento	5
1.2 – Teorias do Envelhecimento	10
1.2.1 – <i>Teorias do envelhecimento biológico</i>	10
1.2.2 – <i>Teorias psicossociais do envelhecimento</i>	16
1.3 – Alterações Associadas ao Processo de Envelhecimento	22
1.3.1 – <i>Alterações biológicas</i>	22
1.3.2 – <i>Alterações psicossociais</i>	25
1.4 – Sociedade e Velhice no Mundo Contemporâneo.....	30
1.4.1 – <i>O envelhecimento demográfico</i>	31
1.4.2 – <i>Caracterização da população idosa portuguesa</i>	35
1.4.3 – <i>A família e a institucionalização do idoso</i>	38
1.4.4 – <i>Trabalho e reforma</i>	45
1.4.5 – <i>O idoso e as novas tecnologias</i>	47
1.4.6 – <i>Situações de crise na velhice</i>	49
CAPÍTULO II – OS ESTEREÓTIPOS	62
2.1 – Origem e Evolução do Conceito.....	62
2.2 – Abordagens Teóricas no Estudo dos Estereótipos.....	64
2.3 – Funções dos Estereótipos.....	71
2.4 – Estereótipos Acerca das Pessoas Idosas	74
2.4.1 – <i>Perspectiva histórica da construção da imagem do idoso e</i> <i>envelhecimento</i>	74
2.4.2 – <i>Visão negativa e visão positiva na sociedade contemporânea</i>	83
2.4.3 – <i>Influência dos meios de comunicação</i>	95
2.4.4 – <i>A operacionalização da investigação da imagem social nas últimas</i> <i>décadas, acerca das pessoas idosas, da velhice e envelhecimento</i>	98
2.5 – Repercussão dos Estereótipos sobre as Pessoas Idosas	121
II PARTE – ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO	129
CAPÍTULO III – INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA	130

3.1 – Contextualização do Problema e Objectivos do Estudo	130
3.2 – Metodologia	132
3.2.1 – <i>Tipo de investigação</i>	132
3.2.2 – <i>Variáveis de investigação</i>	133
3.2.3 – <i>Hipóteses de investigação</i>	134
3.2.4 – <i>Amostragem</i>	135
3.2.5 – <i>Instrumento de recolha de dados</i>	138
3.2.6 – <i>Procedimentos</i>	141
3.3 – Apresentação e Análise dos dados.....	144
3.4 – Discussão dos Resultados	192
CONCLUSÕES, LIMITAÇÕES E SUGESTÕES	204
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	210
ANEXOS.....	233
ANEXO I – Instrumento de colheita de dados	234
ANEXO II – Autorização para aplicação do questionário nas escolas seleccionadas.....	243

ÍNDICE DE FIGURAS:

Figura 1 – Representação esquemática do envelhecimento biológico	11
Figura 2 – Representação esquemática de exemplos do padrão psicológico	17
Figura 3 – Pirâmide etária de Portugal, 1991/2001	32
Figura 4 – Pirâmides etárias, Portugal 1960, 2004 e 2050	34
Figura 5 – Escala gráfica para percepção dos padrões de envelhecimento	105
Figura 6 – Padrões Percebidos de envelhecimento.....	106
Figura 7 – Perfis dos clusters de alguns estereótipos apresentados em gráficos de barra de erros	154
Figura 8 – Histogramas das pontuações do factor 1,2,3,4 e 5	182

ÍNDICE DE GRÁFICOS:

Gráfico 1 – Distribuição da amostra por sexo	145
Gráfico 2 – Distribuição da amostra segundo o curso que frequenta	146
Gráfico 3 – Distribuição da amostra em função de ter ou não estagiado com utentes idosos	147
Gráfico 4 – Distribuição da amostra segundo a proveniência	147
Gráfico 5 – Distribuição da amostra em função de residir ou não com idosos	148
Gráfico 6 – Percepção gráfica dos distintos atributos a partir dos 50 anos	168
Gráfico 7 – Média do coeficiente de envelhecimento percebido.....	169
Gráfico 8 – Percepção gráfica dos distintos atributos para os grupos 50/70 e 70/90 anos, em função do sexo	170
Gráfico 9 – Percepção gráfica dos distintos atributos para os grupos 50/70 e 70/90 anos, em função de ter estagiado ou não com utentes idosos	173
Gráfico 10 – Percepção gráfica dos distintos atributos para os grupos 50/70 e 70/90 anos, em função do local de proveniência	175
Gráfico 11 – Percepção gráfica dos distintos atributos para os grupos 50/70 e 70/90 anos, em função de residir ou não com idosos	176

ÍNDICE DE QUADROS:

Quadro 1 – Classificação das teorias de env. biol. segundo Zhores Medvedev	12
Quadro 2 – Desenvolvimento psicossocial segundo Erik Erikson	18
Quadro 3 – Princípios básicos da teoria da desvinculação	21
Quadro 4 – Modificações biológicas estruturais ligadas à senescência.....	23
Quadro 5 – Modificações biológicas funcionais ligadas à senescência.....	24
Quadro 6 – Falsas crenças acerca da sexualidade	57
Quadro 7 – Origem e desenvolvimento da ciência e de serviços no âmbito dos idosos, e promoção de acções face ao envelhecimento populacional – Séc. XX/XXI	82
Quadro 8 – Provérbios de cariz negativo acerca da velhice	85
Quadro 9 – Facts on Aging Quiz I (de Erdman Palmore)	101
Quadro 10 – Análise Factorial de um questionário construído para avaliar os estereótipos negativos face à velhice	120
Quadro 11 – Tipos de Idadismo segundo Erdman Palmore	121

ÍNDICE DE TABELAS:

Tabela 1 – Imagem dos enfermeiros acerca da velhice por ordem de frequência	115
Tabela 2 – N.º de estudantes do ensino superior que estudam no distrito de Bragança	136
Tabela 3 – Estimativa do n da amostra em função do N da População	137
Tabela 4 – Caracterização da idade da amostra	145
Tabela 5 – Distribuição da média de idades por curso	146
Tabela 6 – Distribuição dos estudantes em função do n.º de idosos com quem residem ...	148
Tabela 7 – Estereótipos que os estudantes compartilham	150
Tabela 8 – Estereótipos que os estudantes não compartilham	151
Tabela 9 – Perfis de Médias de cada estereótipo por cluster e Análise de Variância entre clusters	153
Tabela 10 – Distribuição da amostra para o item “As pessoas idosas são incapazes de mudar e adaptar-se a novas situações” segundo o sexo	155
Tabela 11 – Distribuição da amostra para o item “Quando vejo rugas da pele lembra-me a velhice” segundo o sexo	156
Tabela 12 – Distribuição da amostra para o item “Os idosos não têm capacidade para manter uma erecção” segundo o sexo	156
Tabela 13 – Distribuição da amostra para o item “As pessoas idosas não devem desempenhar tarefas que exigem maior destreza manual” segundo o sexo	157
Tabela 14 – Relação entre a idade e os estereótipos	158
Tabela 15 – Distribuição da amostra para o item “As pessoas idosas têm pouco ou nenhum desejo sexual” em função de ter efectuado ou não estágio com idosos	159
Tabela 16 – Distribuição da amostra para o item “Entrar na etapa da velhice significa retornar à infância” em função de ter efectuado ou não estágio com idosos	159
Tabela 17 – Distribuição da amostra para o item “Ser-se idoso significa necessidade de maior atenção” em função de ter efectuado ou não estágio com utentes idosos	160
Tabela 18 – Distribuição da amostra para o item “A maioria das pessoas idosas é analfabeta” em função do local de proveniência	160
Tabela 19 – Distribuição da amostra para o item “As pessoas idosas têm pouco ou nenhum desejo sexual” em função de residir ou não com idosos	161

Tabela 20 – Distribuição da amostra para o item “As pessoas idosas são improdutivas” em função de residir ou não com idosos.....	162
Tabela 21 – Distribuição da amostra para o item “Regra geral a velhice constitui a etapa de maior dependência” em função de residir ou não com idosos	162
Tabela 22 – Distribuição da amostra para o item “Velhice é sinónimo de decadência física” em função de residir ou não com idosos	163
Tabela 23 – Distribuição da amostra para o item “A maioria das pessoas idosas está senil” em função de residir ou não com idosos	163
Tabela 24 – Distribuição da amostra para o item “Entrar na etapa da velhice significa retornar à infância” em função de residir ou não com idosos.....	164
Tabela 25 – Distribuição da amostra para o item “Ser-se idoso significa necessidade de maior atenção” em função de residir ou não com idosos.....	164
Tabela 26 – Distribuição da amostra para o item “Velhice representa uma etapa que requer maior preocupação” em função de residir ou não com idosos	165
Tabela 27 – Distribuição da amostra para o item “Os idosos podem ser bons cuidadores de crianças” em função de residir ou não com idosos.....	165
Tabela 28 – Distribuição da amostra para o item “Regra geral as pessoas idosas são feias” em função de residir ou não com idosos	166
Tabela 29 – Média de intensidade percebida para os distintos atributos.....	167
Tabela 30 – Atributos que apresentam relação significativa com a variável “sexo”.....	171
Tabela 31 – Atributos que apresentam relação significativa com a variável “Idade”	172
Tabela 32 – Carga factorial dos itens por factor, % de variância explicada e consistência interna de cada factor	179
Tabela 33 – Análise descritiva das pontuações obtidas para cada um dos cinco factores.....	181
Tabela 34 – Análise de Regressão pelo método Stepwise, para o factor 1	185
Tabela 35 – Análise de Regressão pelo método Stepwise, para o factor 2	186
Tabela 36 – Análise de Regressão pelo método Stepwise, para o factor 3	188
Tabela 37 – Análise de Regressão pelo método Stepwise, para o factor 4	190
Tabela 38 – Análise de Regressão pelo método Stepwise, para o factor 5	191

INTRODUÇÃO

Em Portugal, os últimos Censos ocorridos em 2001 (INE, 2002a) revelam-nos que o envelhecimento demográfico é uma realidade, verificando-se pela primeira vez um maior número de pessoas com idade igual ou superior a 65 anos, relativamente à camada populacional mais jovem (0-15 anos). As Projeções do INE (2005) relativas à População Residente em Portugal, no horizonte 2000-2050, apontam para um envelhecimento continuado da população, consequência do previsível aumento da esperança de vida bem como da manutenção dos níveis de fecundidade abaixo do limiar de substituição das gerações, em que cada vez mais um maior n.º de pessoas consegue alcançar as idades mais avançadas. Poder alcançar a última etapa da vida (velhice) é um anseio de muita gente, contudo esse anseio por vezes parece contrastar com um sentimento de temor. Na nossa sociedade, frequentemente deparamo-nos com estereótipos de orientação negativa acerca das pessoas idosas, apontadas como pessoas doentes, dependentes, improdutivas, conservadoras, assexuadas, entre outros. Os estudos científicos que abordaram os estereótipos acerca dos idosos, realizados essencialmente desde o final da primeira metade do século XX, decorrentes do impulso crescente da pressão social e demográfica, revelaram maioritariamente durante várias décadas a existência de um predomínio injustificado de uma imagem negativa acerca do envelhecimento e acerca das pessoas idosas, tendência esta destacada e contestada por vários autores (Lehr, 1977/1980; Palmore, 1988; Laforest, 1989/1991; Moragas, 1995; Belsky, 1999/2001; Motte & Tortosa, 2002; entre muitos outros), pois tais estereótipos não passam de falsas concepções que podem traduzir-se em barreiras à funcionalidade dos idosos, dado que influenciam negativamente o status social do ser-se idoso. A expressão de preocupação e de contestação para com estas erróneas generalizações tomariam maior visibilidade a partir da

II Assembleia Mundial para o Envelhecimento (Nações Unidas), realizada em Abril de 2002, de onde surgiria um Plano de Acção Internacional (Nações Unidas, 2002) com o intuito de se promover uma imagem positiva do envelhecimento, bem como de promover um maior reconhecimento público da autoridade, da sabedoria, da produtividade e outras contribuições importantes das pessoas idosas. Actualmente são frequentes as exteriorizações de uma cultura anti-envelhecimento, reforçada pelos mass media, onde se inclui a população estudantil, cujas suas percepções acerca da velhice parecem seguir um modelo característico atribuído ao envelhecimento biológico (declive e morte), atribuição esta, detentora por si só, de um conotação negativa. Neste sentido, questionamo-nos se de facto os estereótipos de orientação negativa acerca das pessoas idosas predominarão na população estudantil do ensino superior frequentado no distrito de Bragança.

Para verificarmos o predomínio de estereótipos recorreremos às metodologias quantitativas. Nesse sentido, construiu-se um questionário com base na vasta bibliografia existente acerca da temática e com base nos estudos de investigação efectuados no âmbito, no qual comporta três partes, uma primeira parte referente à caracterização da amostra, uma segunda parte consignada a uma escala de estereótipos (40 itens), e por fim uma terceira parte constituída por 20 pequenas escalas gráficas que visam recolher a percepção do padrão de desenvolvimento para com distintos atributos do ser humano a partir dos 50 anos (correspondente a um coeficiente de envelhecimento percebido).

Este trabalho encontra-se estruturado essencialmente em duas partes, a primeira parte é consignada à contextualização teórica acerca da problemática em estudo, visando obter fundamentação e justificação para a análise e interpretação dos dados obtidos, enquanto que a segunda parte é consignada à investigação empírica.

A primeira parte encontra-se dividida em dois capítulos, em que no primeiro capítulo contextualiza-se o envelhecimento, a velhice e o ser-se idoso. Apresentam-se também as teorias de envelhecimento biopsicossociais, bem como as alterações decorrentes do processo de envelhecimento. Este capítulo finaliza com a abordagem da pessoa idosa no mundo contemporâneo. No segundo capítulo aborda-se a origem e a evolução do conceito de estereótipo, abordam-se as distintas perspectivas teóricas no estudo (génese/formação) dos estereótipos, e as suas funções. Aborda-se numa perspectiva histórica, a imagem social tida acerca das pessoas idosas, até à actualidade. Destaca-se ainda a influência dos mass media na produção e manutenção dos estereótipos e apresentam-se as investigações efectuadas no âmbito ao longo dos últimos tempos. Surge um subcapítulo final relativo às repercussões dos estereótipos sobre as pessoas idosas.

A segunda parte, constituída pelo terceiro capítulo, é dedicada à investigação propriamente dita. Neste capítulo justifica-se a escolha do tema, enumeram-se os objectivos deste estudo, apresenta-se o tipo de metodologia seguida, bem como o tipo de desenho de investigação. Segue-se a apresentação das variáveis e das hipóteses de investigação. Justificam-se as opções metodológicas tomadas relativamente à escolha da amostra, apresentando-se o método de amostragem. Posteriormente tendo por base a vasta bibliografia e os vários trabalhos de investigação elaborados no âmbito desta investigação (num contexto espaciotemporal distinto) é apresentado o instrumento de recolha de dados, bem como os respectivos passos seguidos para a sua construção e posterior aplicação. Efectuada a aplicação do questionário, construída a respectiva base de dados, procede-se ao tratamento estatístico. Segue-se a apresentação, análise e a discussão dos resultados. Por fim, com base nos resultados da investigação, sistematizam-se as conclusões e apresentam-se as sugestões pertinentes.